

Os enviados especiais de FeF participaram da Expedição Peret às margens do rio Arinos, na floresta mato-grossense

1497

113 175

FATOS E FOTOS - 26.06.69

ÍNDIOS BEIÇOS-DE-PAU

©

20/06/69
F & F

NA TERRA DOS BEIÇOS-DE-PAU

Um industrial paulista comprou uma fazenda — mata virgem — no interior de Mato Grosso. Em fins do ano passado, mandou uma primeira turma colonizar a área. Os trabalhadores abandonaram o pôsto, o administrador, Abel Garcia, saiu com malária. Em janeiro deste ano, mandou uma segunda turma. Dois meses depois, em 14 de março, apareceram como legítimos donos da terra os índios da tribo dos beijos-de-pau. Altos, fortes, antropófagos, inteligentes e simpáticos, procuraram pacífica e curiosamente os seis habitantes da fazenda ABC. A 18 de junho, partimos de Guahá, seis jornalistas brasileiros e um francês. Nosso objetivo era encontrar João Américo Peret e Fritz Toksdorf, funcionários da Fundação Nacional do Índio, cuja missão às margens do rio Arinos é pôr a civilização em contato, pela primeira vez, com os beijos-de-pau.

Texto de HÉDYLL VALLE JR. © Fotos de WALTER FIRMO

(PRIMEIRA DE DUAS REPORTAGENS)

"Lembrem-se: só os índios de filme gritam ao atacar, avisando 'o mocinho a tempo'"

Bom Pai e as duas filhas: dividiam tudo.



Além das enormes rodela de madeira encaixadas na boca, os beijos-de-pau usam também grandes enfeites circulares embutidos nas orelhas. Esses ornamentos, que não lhes causam qualquer desconforto, parecem servir apenas para finalidades estéticas.

Deixamos Cuiabá às cinco da manhã e enfrentamos oito horas de poeira até o Pôrto do Rio Claro, de onde partimos de barco rumo a um possível contato com os índios beijos-de-pau. Foram 350 quilômetros de terra, mais 220 de rio. No Rio Claro, Seu Edésio nos serviu a última cerveja. No barraco morava também Jaime, farmacêutico, com uma única função: cuidar de 80 portadores de malária do lugarejo, considerado o local de maior incidência da doença em todo o Mato Grosso. Ainda não sabíamos que os beijos-de-pau eram antropófagos, como não sabíamos se ao menos chegaríamos a vê-los.

As cinco da tarde partimos na barca de Cândido Morimã, índio apiacá conhecido em toda a região por uma triste história: seu pai foi um dos raros homens a ver o copelôbo, o morocochô, um macaco de 1,60 m de altura, peludíssimo, que emite gritos quase humanos. Escondeu-se do estranho animal, que passou por ele sem vê-lo. Mas somente o seu cheiro horrível foi o bastante para o pai de Cândido desmaiar. Depois de dois dias de cólicas e crises de vômito, o pai de Cândido morreu. *Causa mortis*: a catinga do misterioso copelôbo, do morocochô.

Os índios só viajam com a mata já seca

Cândido, subindo e descendo o rio Arinos há anos, viu algumas vezes os beijos-de-pau. Trocou algumas coisas com eles, mas suas recordações começam nos primeiros dias, quando o contato se resumia ao grito de "Ê vem taquara!", e a um pulo dos passageiros para o fundo do barco. Hoje a viagem é tranqüila, pousamos às seis, no dia seguinte partimos de novo para, às cinco da tarde, chegarmos à Fazenda ABC, onde encontrariamos o sertanista João Américo Peret e seu imediato Fritz Tolksdorf.

Uma clareira aberta na selva, cinco barracos de pau-a-pique. Ali moram há seis meses, na barranca à beira do rio Arinos, Seu José Oliveira, com D. Edna, sua mulher, e os filhos Mário, Francisquinha e Chico. Com eles, João Oliveira, gerente e operador de rádio, e Adão, mão-de-obra. Essas sete pessoas, matutos, humildes, foram os primeiros a conviver com os beijos-de-pau. No dia em que chegamos, esperavam três índios que tinham ido pescar. Oito horas da noite, Pará, ajudante de Peret, chegava de barco com os três índios. Nossa primeira providência foi arranjar nomes que os identificassem. Passaram a ser: *Garôto*, sem nada de especial, nem ao menos o beijo de pau. Tinha uns 14 anos, era forte, cabelos compridos e usava um calção. Há dois meses morava na fazenda.

Com o *Garôto* estavam *Cavalo Bravo* (16 anos, o andar elegante de um mustangue, forte, alto para a idade) e *Traidor*. *Traidor* só recebeu esse nome mais tarde, quando vimos como era malquisto pelos irmãos e como ele mesmo, com calça, camisa, botas e chapéu preferia ser branco a ser índio. Finalmente, uma figura simpaticíssima: *Beirão*, o beijo entre os beijos.

Feitos os primeiros contatos, a intenção de Peret, como chefe da expedição, era chegar à aldeia, ou pelo menos a uma das 11 aldeias que localizara quando sobrevoou a área interdita pela FUNAI. De onde estávamos à mais próxima eram 12 quilômetros de avião, mas o dobro por terra, a selva obrigando a dar voltas a cada dois metros. Nenhum branco fôra à aldeia. Sem a menor possibilidade de comunicação oral, Peret tentaria fazer-se convidar por eles.

Peret nos fez uma pequena preleção sobre os beijos-de-pau:

— São como crianças. Só que, quando contrariados, não se limitam a chorar na saia da mãe. Vão ali na mata, a cem metros, apanham arcos e flechas, e voltam para se vingar. Lembrem-se de que somente os índios de filme é que gritam ao atacar, para avisar o mocinho. Aqui, não temos mocinhos.

Têrça-feira, 20

Acordamos às quatro e quinze da manhã, antes da "hora do ataque". Fazia frio, como sempre, apesar dos dois cobertores. Os mosquitos, escondidos na véspera, atacaram à noite; impossível mudar de posição numa rede. Com frio, dor nas costas e coceiras, começou nosso primeiro dia com os beijos-de-pau. Antes de amanhecer, café e bolachas. As nove, o "quebra-torto", mingau feito com uma espécie de ração balanceada para seres humanos. A espera dos índios que estavam acampados pelo mato, ali por perto, batemos bola. Os índios só viajam depois que a mata seca. Antes das dez horas dificilmente chegariam.

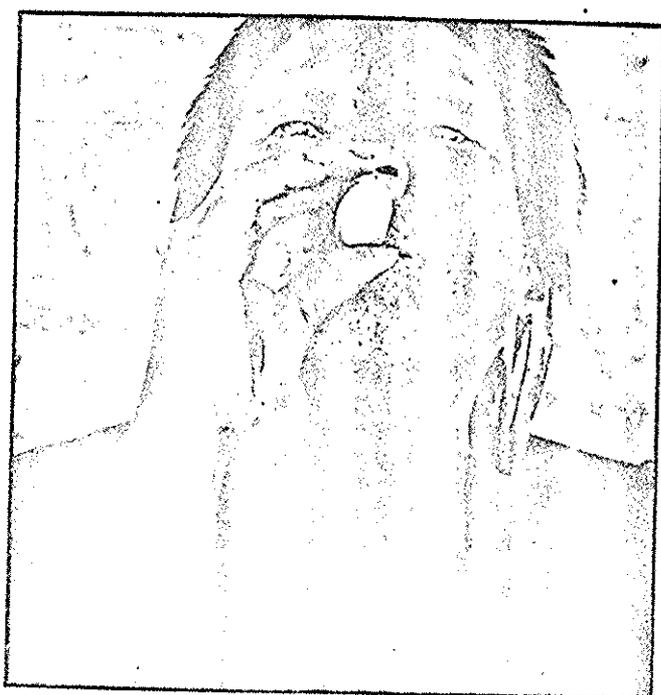
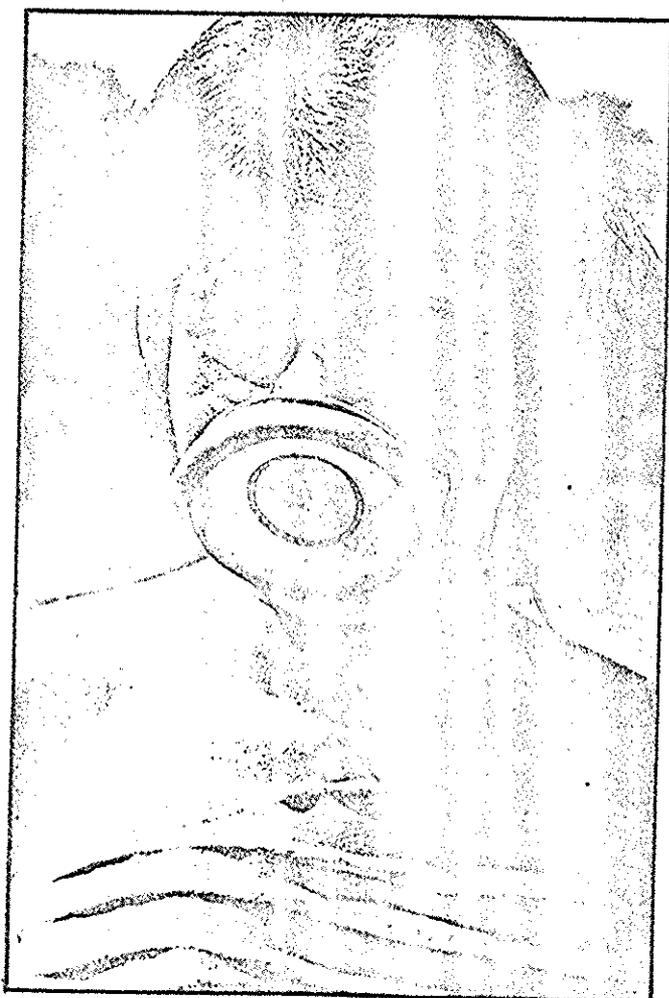
Os primeiros a aparecer são *Beirão* e *Maharishi* (a cara do guru dos Beatles). Logo depois sai o barco cheio, inclusive *Beirão* e *Maharishi*. Um grupo vai caçar, outro recolher palha para novas cabanas, os últimos vão pescar. *Maharishi* apanha um caniço, põe uma linha. Sem anzol, sem isca, tenta pescar. Não consegue. Para, presta atenção. Pede um anzol, uma isca. Pescou, com sucesso. Ria muito. Para um senhor de seus 40 anos, aprendia as coisas com facilidade. O grupo conseguia alguns peixes, uma jacutinga, muita palha, uma pomba. *Maharishi* apossou-se da pomba, foi limpando no barco, deu-lhe uma tostada rápida e comeu sozinho. Comer, no fim das contas, revelou-se o seu forte. Só parava para dormir e, roncando, a rodela do beijo tremia.

Porque os beijos-de-pau não comem doces

Depois do almoço, vimos que toda a iniciativa pertenceria aos índios. Nada nos restava senão esperar que eles viessem e, pouco a pouco, ir ganhando confiança. Peret não pode forçar a barra para ir à maloca, nem ir para um acampamento. Tem apenas que esperar e se fazer conhecido do maior número possível de índios. Esperar o tempo que fôr necessário. Depois do almoço, *Beirão* pede goiabada. Experimenta um pedaço. Quando vê que é doce, cospe, não come. Tem seus motivos. Anos atrás, por volta de 1963, um tal Benedito Bruno

Os mistérios dos beijos-de-pau: a falta de certos dentes e a faixa de cabelos raspados

Cicatriz, com seu beijo e suas marcas.



Mia, a viúva, tem os cabelos cortados rente, o que revela seu estado civil. Suas orelhas, inteiramente atrofiadas, podem carregar enormes rodela de madeira. Nesta foto, ela toca um apito improvisado com a casca vazia de um fruto silvestre.

deixara sacos de açúcar numa prainha onde vira uma flecha fincada. Voltara e recolhera alguns enfeites. No local, seus seringueiros colocaram mais açúcar na beira do rio. Só que, desta vez, o açúcar continha arsênico. Não se sabe quantos índios foram assassinados. Sabe-se que Benedito Bruno, seringalista, morreu. E que os beijos-de-pau, até hoje, se recusam a comer doces oferecidos por brancos.

Quando andam na mata, os beijos-de-pau param sempre que vêem comida. Para comer mel, derrubam várias árvores em torno daquela onde está a colméia. Abrem uma clareira na selva apenas por um pouco de mel, com abelha e tudo.

Êles já passaram da fase da pedra polida?

Comem tudo que acham. Não se podem dar ao luxo de deixar passar uma ave ou um animal. Mesmo que estejam empanturrados, comem sempre que acham comida. Ninguém pode garantir que, no dia seguinte, na hora da fome, encontrarão comida. Isso se estende ao homem. Comem gente, e êles mesmo contam isso. Não matam uma pessoa para comer mas, tendo matado uma pessoa por qualquer motivo, comem ou não, dependendo da fome. Mais de uma vez apalparam as gorduras da barriga de um ou outro e, rindo, faziam o gesto de comer. Não era assustador, mas não era divertido.

A comunicação com êles era difícil e os gestos às vezes mal-interpretados. Mesmo entre êles, falavam guturalmente, fazendo muita fôrça, quase como animais. Parece que a tribo começou a falar há muito pouco tempo.

Têrça-feira foi o dia em que a gripe começou. Dormimos ao relento no barco, a umidade era quase absoluta, e acordei fortemente gripado. Um homem civilizado, mesmo sem estar gripado, pode gripar um bando de índios; para êles, sem defesas naturais ou adquiridas contra as doenças urbanas, éramos verdadeiros cargueiros de vírus e bactérias.

Quarta, 21

O galo nos acordou; café às 6, quebratorto às 10. Logo depois a pelada matinal. Os índios só participavam do bate-bola. Não chegaram a alcançar a noção de gol, e tinham medo de cabecear. Começou o movimento com gritos vindos da mata — *Nekan! Nekan!* ("Estamos chegando!") — Eram dois casais com duas crianças e uma viúva com um filho. Sabia-se que era viúva pelo cabelo curto, estilo Mia Farrow. Foi uma festa. Ou melhor, nós fomos uma festa para elas. Curiosas, examinavam-nos detalhadamente, puxando os pêlos do tórax, as barbas, vendo a côr, a textura da pele. Quando puxavam as barbas, aproveitando para apreciar as obturações metálicas dos que as tinham, riam muito. Eram todos muito simpáticos, as mulheres com todo o corpo pintado de urucum, ficavam até bonitas. Riam muito, mexendo em tudo sem largar as crianças, sentadas numa faixa e com as pernas enlaçadas na cintura da mãe.

Olhavam através de óculos e câmaras, mas aparentemente os consideravam objetos inúteis e não se interessavam. Um homem cantava alguma coisa. Gravamos e tocamos para êle. Ficou eufórico, passou o resto do dia cantando, brincando com fósforos e passou a ser *Moreira da Silva*, poeta e diplomata.

O beijo prôpriamente dito parece ter apenas finalidade estética. É uma rodela cavada a pedra numa madeira leve e dura, variando entre um e meio e três centímetros de raio. Tem uma reentrância na borda, como um aro de roda, por onde o lábio inferior, como um pneu, o segura. Removível, alguns o tiravam para tomar banho ou para comer, se bem que não atrapalhasse em nada.

Peret disse que vira muitas araras quando sobrevoou as aldeias, mas não víamos nenhum enfeite de penas coloridas, só preto e branco. Em seu vôo, assim que recebeu a missão da FUNAI, Peret determinou a área inicial para a pacificação: limitada ao norte pelo paralelo 12, ao sul pelo 13; a leste pelo rio Arinos e a oeste pelo rio do Sangue. Calculara uns 1.200 mil hectares, para cêrca de 1.200 beijos-de-pau; para calcular o número de índios, baseara-se em três alqueires de roça de mandioca para cada 50 índios.

Mas muita coisa não se entendia. Porque raspavam uma pequena faixa de cabelo no centro da cabeça? Porque a maioria não tinha os incisivos centrais superiores? Porque usavam a cabeça envôlta em timbira (um cipó)? No braço, explicava-se a timbira: protegia o pulso do impacto da corda do arco, mas na perna não. Isso despertou uma discussão sôbre em que estágio estariam. Peret afirmou que o arco e a flecha são os marcos que determinam o fim da idade da pedra polida. Mas não têm — ou não mostraram — nada feito de pedra ou metal; nenhum barco, panela ou pote. Suas flechas (qũe são o que fazem com mais carinho) têm ponta de madeira ou taquara e, por medida de economia, são usadas mais de uma vez, quando possível.

Travesseiros de tronco para a cabeça e os pés

Depois do almoço debateu-se a gripe. Era necessário o isolamento e acabei trancado num barraco que servia de depósito de arroz e gasolina e que mais parecia aqũele forno da *Ponte do Rio Kwai*. Lá tora, os índios se dedicam a construir duas cabanas. Uns catam palha, *Beirão* corta lenha (em uma hora de machado, ficou melhor que qualquer branco). As cabanas, vejo pelas frestas da parede, têm dois metros de altura, os tetos formam um triângulo com o chão. Não têm mais de quatro metros de comprimento.

À noite, vejo que dormem em esteiras ou no chão, com um tronco servindo de travesseiro, outro para apoio dos pés, o que me parece muito saudável. Ouvimos pelo rádio os jogos Santos x São Paulo (Santos um a zero) e Estudantes e Nacional (Estudantes dois a zero) e dormimos.